



GT 1 - História do Jornalismo

Coordenadora: Marialva Barbosa (UFF)

V Congresso Nacional de História da Mídia

Palavras Chave: política; imprensa; humor

Escola de Comunicações e Artes/ USP – Andréa de Araujo Nogueira¹

O populismo na produção de José Nelo Lorenzon

Fico me desafiando o tempo todo em como
transformar o assunto do dia ou da semana
em algo mais elástico no tempo...
Angeli (2004)

Resumo

A pesquisa tem como objetivo compreender elementos do humor na imprensa, especificamente da charge, enquanto manifestação comunicativa, inserida no processo histórico brasileiro do movimento político populista. Manifestado na ambigüidade do discurso político autoritário e paternalista, conforme Martín-Barbero (2003), o populismo se reflete nos argumentos das caricaturas de José Nelo Lorenzon publicadas na “Folha da Noite” de 1948 a 1963, *corpus* e objeto do trabalho, atendendo aos propósitos do discurso liberal defendido pela empresa Folha da Manhã S.A.

1. A charge

Já nos séculos XVIII e XIX os esquetes teatrais - curtos e satíricos diálogos realizados nos intervalos para as grandes trocas cênicas - auxiliavam a composição das operetas cômicas e do teatro de revista. Os temas encenados revezavam-se entre a crítica aos costumes e a

¹ Bacharel e Licenciada em História /USP, Mestre em Artes Visuais pela UNESP, com a dissertação "Um Juca na cidade" e Doutora em Ciências da Comunicação na ECA/USP, com a tese "Humor e Populismo: o desafio diário nas charges de Nelo Lorenzon (1948 a 1963)", Prêmio de Melhor Pesquisa no Troféu HQ Mix 2006.

sátira política, por meio de convenções cenográficas e da dramaturgia específicas do local a ser encenado, como a figura-tipo do caipira ingênuo, adaptado às revistas nacionais.

A caricatura na imprensa, à partir da consagração dos personagens-tipo no gênero teatral, abandonou o aparelhamento dramático, afinando-se com a atualidade. Adaptou os elementos expressivos dos esquetes, considerados eficazes ao público, como a economia de traços e movimentos, e, sobretudo a fruição do prazer, características essenciais das formações psíquicas carregadas de comicidade, o que tornava mais eficaz a transmissão de conteúdos, estabelecendo-se dentro de duas concepções sócio-culturais próprias da linguagem jornalística. A primeira que relacionou ao seu avanço tecnológico, iniciado com a litogravura, desenvolvida pelo autor teatral Alois Senefelder, por volta de 1796, quando procurava uma forma mais ágil de imprimir seus textos e partituras.

A segunda concepção provém do interesse da popularização do jornal enquanto veículo de comunicação de massa, (MELO, 1994, p. 183) pois a caricatura, formada na inter-relação do texto (legenda) e na força da imagem, com seu potencial de sedução, tornou-se um instrumento eficaz de persuasão do público leitor.

No Brasil, a caricatura, adotada em sua versão francesa *charge*, acabou adquirindo na imprensa o significado diretamente relacionado à sátira gráfica a um determinado acontecimento político, enquanto manifestação comunicativa condensadora. Toda a charge portanto em sua essência crítica um personagem, fato ou acontecimento político.

Forjadas no tecido histórico e social, as representações humorísticas como as charges possibilitam a crítica à ambigüidade que ronda o discurso do político, oferecendo, enquanto produção artística na sua busca pela condensação uma coerência diferenciada de outras formas de representações plásticas. A produção se revela ainda como uma fonte histórica fundamental ao debate político, por desmistificar o poder e incentivar o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos do Estado (BURKE, 2004, p. 98).



Nesse sentido consideramos como objeto de estudo a produção de José Nelo Lorenzon (1909-1963) para o jornal “Folha da Noite” no período de 1948 a 1963 ingressando num campo interdisciplinar de análise, com possíveis deslizes que porventura o excesso de motivações teóricas despertadas pelas charges possam nos enredar. O material pesquisado, pleno de argumentos relacionados à cultura política, incidiu na análise das intervenções da linguagem e constituição dos atores e do sistema político. Pensar a política a partir da comunicação, segundo Martín-Barbero (2004), significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação do poder.

Os elementos biográficos do caricaturista, escritor, advogado e professor, permitem dimensionar o quanto sua formação e atividades estão entrelaçados com a história de São Paulo.

O percurso do artista inicia-se em Ribeirão Preto, interior do Estado, onde nasceu no dia 1º de junho de 1909, realizando seus estudos primários e secundários nessa mesma cidade. De origem italiana, Nelo veio para a capital com a finalidade de cursar a Faculdade de Direito no Largo de S. Francisco, centro de formação intelectual e de resistência política, concluindo o curso em 1932. Em sua passagem pela Faculdade, dirigiu e colaborou intensamente em jornais e revistas acadêmicas.

A produção poética de Nelo era invariavelmente acompanhada de caricaturas e ilustrações que se espalhavam pelo território acadêmico por meio das revistas: “Acadêmica”, “XI de agosto”, “Problemas” e “Roteiro”, cartazes de campanha e o jornal produzido pela comunidade de Ribeirão Preto, “Terra Vermelha”, no período de 1932 a 1937.

Com o endurecimento político do Estado Novo, ampliado após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939, o artista retorna ao interior do Estado de São Paulo, sendo nomeado professor de Língua Portuguesa em 1940 para a Escola Normal de Santa Cruz do Rio Pardo, atual Escola Leônidas do Amaral Vieira.



Voltando para a capital, foi nomeado em 1947 para a mesma cátedra no Colégio Fernão Dias Pais, no bairro de Pinheiros onde residiu, transformando-se em símbolo do ensino rigoroso, recorrendo a uma metodologia diferenciada. Publicou seus desenhos no “Jornal de S. Paulo”, “Diário da Noite” e finalmente nas “Folhas” até 1963, quando faleceu.

Aliado aos aspectos visuais e lingüísticos próprios da caricatura, como a síntese, a ironia e a paródia na gênese de seu trabalho, Nelo preservou um caráter essencialmente provocativo na fórmula da derrisão ao refletir sobre as arbitrariedades e contradições políticas.

A despreensão de seus desenhos provém da clareza e linearidade do traço, ao mesmo tempo que revela o elaborado movimento em captar a ambigüidade da retórica política, aliás, muito bem supridos por nossos representantes, possuindo sua força na capacidade de deslocá-los em símbolos,² a partir da associação do personagem instaurada na caricatura, como num cartum, o que permitia, conforme Gombrich:

O encontro da estampa simbólica com a nova arte da caricatura oferecia vantagens ao cartunista. A redução da fisionomia a uma fórmula conveniente tornou possível manter determinados políticos constantemente diante dos olhos do público em todos os tipos de papéis simbólicos. (GOMBRICH, 1999, p. 135)

Uma relação que se instaura na crítica, observação e expectativa, produzidas no cenário de redemocratização nacional (1945 a 1964) em meio aos paradoxos políticos, após o período do Estado Novo.

2. A marmita

²A adoção de símbolos era recurso largamente utilizado pelos políticos e conseqüentemente pelo chargista para identificá-los.

Criado por José Nelo Lorenzon, seu personagem-tipo mais constante, o Zé Marmiteiro, foi publicado inicialmente em abril de 1946 para o “Jornal de S. Paulo”³. Em 1948 passou a ser veiculado na “Folha da Noite”, jornal sob a direção de Nabantino Ramos. A origem de seu nome se liga a uma polêmica política articulada por Hugo Borghi.



LORENZON, José Nelo. Zé Marmiteiro e Chuvisco. Postal.⁴

Hugo Borghi, deputado e proprietário de rádios, integrante do movimento queremista, favorável a manutenção de Getúlio no poder, em razão a uma série de interesses econômicos, se empenhou na campanha do general Eurico Gaspar Dutra (PSD) nas eleições para presidente da República de dezembro de 45.

Borgui, aproveitando-se de um discurso realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro do candidato Eduardo Gomes (UDN), que declarara não precisar dos votos da “malta de desocupados que freqüentavam os comícios de Getúlio Vargas”, inverte taticamente o sentido do pronunciamento, destacando que o termo “malta” designava também grupos de operários que percorrem as linhas férreas levando suas marmitas - os marmiteiros - ou seja, grande parte da população de baixa-renda (BELOCH, I. e ABREU, A . A , 1984, p. 416). Hugo Borgui divulgou então o sinônimo em suas rádios no Rio de Janeiro e em São Paulo, conseguindo provocar, em 48 horas, a indignação de todo o país contra Eduardo Gomes, resultando na eleição de Dutra como presidente da República.

³O “Jornal de S. Paulo”, dirigido inicialmente pelo escritor Guilherme de Almeida, mas coordenado pelo jornalista Hermínio Sacchetta surgiu de uma dissidência de um grupo de jornalistas da “Folha de S. Paulo” em 1945, descontentes com a venda do jornal a Nabantino Ramos.

⁴ Acervo Família Lorenzon.

A figura do “marmiteiro”, associada aos problemas da precária condição alimentar e assistencial ao trabalhador, tornou-se um elemento de resistência política, espalhando-se pelo país por meio do rádio.

Apesar da adoção do nome Zé Marmiteiro, inicialmente identificado ao político Hugo Borgui, as charges, diferencialmente, apresentavam o personagem de Nelo Lorenzon condensando a imagem do trabalhador que atuava na indústria, destituído dos apelos de reivindicação sindical empreendidos pelo movimento operário na década de 80, como o Zé Malho e o João Ferrador.

O Zé Marmiteiro de Nelo assemelha-se a um bonachão, com formas arredondadas e fisionomia simpática e irônica, mediando as relações entre Estado, sociedade e políticos, seguindo a linha editorial, contrária ao populismo. Vestia-se com roupas de operário: o macacão remendado; uma chave no bolso; a marmita em punho, motivo de seu sobrenome, sempre acompanhado por seu cachorro, o Chuvisco.

O Zé Marmiteiro, como uma figura pendular que perpassa os extremos da sociedade em diálogos com as caricaturas de políticos e personagens populares, se insere no movimento de adaptação às novas condições de existência das camadas populares, em sua teia de demandas, opressão e aspirações no período de democratização política.

Embora de aparência expropriada, nesse sentido retomando o papel das figuras-tipo, como o Zé Povo, o Juó Bananére e do Juca Pato, personagens que estavam atrelados à imprensa da República Velha, Nelo Lorenzon produz o Zé Marmiteiro, no cenário da industrialização e de uma configuração política diferenciada.

Detendo-nos sobre a compreensão da articulação de Zé Marmiteiro e a ideologia populista, podemos perceber que a presença do personagem integrou a estratégia do jornal num momento histórico de formação de uma nova demanda social, que começava a se destacar no mercado consumidor, consciente de sua representatividade política. A mudança da função social da cultura, compreendendo o significado da presença das massas na cidade,

era pressentida pelo jornal no sentido de sua integração, antes da subversão. A intenção das “Folhas” ao valorizar o aspecto imaginário era ampliar o seu alcance no mercado, de uma forma a ressemantizar as demandas e expressões sociais, garantindo sua hegemonia comercial.

Do período inicial da empresa “Folha da Manhã” em 1921, até a incorporação por Octávio Frias e Carlos Caldeira Filho, no segundo semestre de 1962, além Nelo Lorenzon e Benedito Bastos Barreto, o Belmonte, que atuaram como chargistas, podemos destacar os nomes de Abílio Corrêa, criador do Zé Farol; P. de Lara; Orlando Mattos e de desenhistas das agências internacionais especialmente a escola argentina, formada por Luís J. Medrano e Divito, criador de El otro Yo del Dr. Merengue e o paraguaio Guevara, preservando inclusive na atualidade, a aposta na distinção do uso das imagens e em seu poder de comunicação direta.

A ausência de trabalhos que mencionem a atuação de Nelo Lorenzon na imprensa pode se relacionar à falta de seu nome, assim como demais desenhistas da época, no clássico trabalho de Herman Lima “História da Caricatura no Brasil” (1963), somada a carência de pesquisas que enfoquem a produção dos jornais “Folha da Noite”, “Jornal de S. Paulo” e a rara produção de periódicos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Nelo Lorenzon, empregou a retórica da ironia na articulação entre a legenda e a imagem, de maneira menos contundente do que a utilizada pelo personagem do humor gráfico mais conhecido desse período - O Amigo da Onça, criado em 1943 por Péricles Maranhão. A ironia empregada por Nelo possibilitava a percepção das opções lingüísticas adotadas na charge, residindo no fato do enunciatório reconhecer e participar ativamente de sua “não-sinceridade” ou inversão semântica.

Dessa forma, os elementos compreendidos no processo da homogeneização promovido pela indústria cultural, eram subvertidos na operação de Nelo que possuía a intenção de esclarecer, sublinhando as contradições e conflitos no momento de incorporação das



camadas populares na vida política, pelo menos enquanto legitimadora de seus representantes.

No movimento da mudança, a cultura popular, sob as novas condições de existência, foi adaptada lentamente às novas demandas e relações, passando a mediar, isto é, encobrir as diferenças e reconciliar os gostos (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.181).

A crítica produzida pelos trabalhos de Nelo Lorenzon revelava seu desafio diário, consciente de sua influência enquanto formador de centenas de alunos, em seu trato na escola e na opinião de seus leitores. Ao atender as expectativas internas do jornal, o artista compreendia em seu trabalho uma dimensão social, incorporando os elementos irreverentes das ruas, a coloquialidade dos relacionamentos e da linguagem, permeando assim também os anseios gerados em meio ao desenvolvimento urbano.

Com o domínio da linguagem e da intertextualidade dos temas, Nelo Lorenzon, como homem de esquerda, simpático às posições do Partido Comunista, driblou o discurso do jornal “Folhas”, voltado ao “desenvolvimentismo como fator de segurança” (MOTA e CAPELATO, 1981, p. 179), recorrendo as características polifônicas próprias da charge.

Utilizou-se do completo domínio da língua portuguesa para compor trocadilhos, transformando o “falar errado” em argúcia, parodiando a retórica política. Ao tratar a percepção dos personagens populares, Nelo procurou compreender como as classes populares decodificam os produtos simbólicos da cultura dominante, entre eles a imagem de São Paulo como o grande centro industrial do país, propagada também pelo jornal. As imagens apresentam uma cidade sem referências, tanto para os recém chegados habitantes, quanto para seus antigos moradores. A cidade que se distancia, tornava-se periférica.

A charge, que requer um entendimento do contexto contemporâneo ao momento exposto, permanece ser o mais fiel diagnóstico dos problemas e situações que insistem em se

perpetuar. Abandona assim o lastro do efêmero, especialmente quando se mantêm condicionadas à organização da estrutura urbana e ao jogo político.

O conceito de populismo se desprende nas articulações políticas registradas pela argúcia de Nelo Lorenzon. As críticas mais constantes observadas nos desenhos tratavam do distanciamento dos políticos em relação ao eleitorado após as campanhas, a corrupção, aos interesses políticos e ao fortalecimento do apartidarismo.

As referências sobre a atuação dos políticos privilegiam as novas formas de relações sociais instauradas, somente viáveis em razão do aumento da participação política das massas urbanas, efetivando sua luta pelos direitos à moradia, à saúde e à educação e no que elas poderiam ser decisivas ao eleger, por exemplo, Getúlio Vargas em 1950 ou Jânio Quadros para Prefeito de São Paulo em 1953.

Preservando os aspectos formais na caricatura, o artista produz um humor intrinsecamente relacionado ao riso de zombaria. O “rir de”, está presente em todos os aspectos da vida física, moral e intelectual do homem, um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que “goza da cara dos outros” (PROPP, p. 42). O riso para Propp acontece na descoberta dos defeitos exteriores, quando é percebido um sinal que contraria as regras morais e físicas, presentes nas desproporções, destruindo a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio.

Os recursos técnicos da época, enredados num rigoroso processo cromático das imagens, eram indicadas pelo artista. A publicação das charges ocorria após o emergir dos acontecimentos, geralmente dois ou três dias depois, em razão do processo técnico que envolve a produção do jornal.⁵ Não havia a simultaneidade contemporânea, as charges no período eram em sua essência formadas na contingência dos acontecimentos. Levavam em consideração os argumentos presentes em outras publicadas em dias diferentes, ou interpretavam um determinado assunto, como as campanhas políticas propostas pelo jornal.

⁵Atualmente a velocidade da informação permite que o desenho seja feito em até duas horas antes do fechamento do jornal.



Os desenhos de Nelo resultaram numa produção clara e cheia de movimento, em consonância aos interesses populares. O efeito de seu humor estava na descoberta das relações entre o texto da legenda e a imagem, destruindo a falsa autoridade, desnudando as verdadeiras intenções do poder. Tentamos, assim como desafio, perpassar algumas dessas condicionantes, sem a pretensão de dar conta da infinitude de relações sociais presentes no trabalho de Nelo, nem esclarecer o que “está por detrás” dos acontecimentos, mas pontuar alguns elementos do contexto social e político, presentes na historiografia e nas relações intertextuais produzidas no próprio jornal que possibilitem uma nova fruição de sua obra, compreendendo os motivos que levaram alguns dos fatos e personagens em especial serem escolhidos para evocarem o riso, ou a indignação.

Referências bibliográficas

- BELOCH, I. e ABREU, A . A . *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: FGV/ CDDOC, 1984.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- BURKE, P., *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera M. X. dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004
- GOMBRICH, E.H. *Meditações sobre um cavalinho de pau*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999
- LIMA, H. *História da caricatura no Brasil*. São Paulo: J. Olympio, 1963, v. 4.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ed. RJ: Ed. UFRJ, 2003.
- MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOTA, C. Guilherme e CAPELATO, M. Helena. *História da Folha de S.Paulo (1921-1981)*. São Paulo: IMPRES, 1981
- PROPP, V. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero de Andrade. São Paulo: Ática, 1992



ROMUALDO, E.. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.